

TANGO: UMA DESCULPA PARA ABRAÇAR

Rafael Leopoldo

Resenha de **Una Pasión Ilustrada** de Gustavo Varela. Buenos Aires: Ediciones Lea S.A, 2010.

Tango una Pasión Ilustrada é mais um belo livro do filósofo argentino Gustavo Varela. Para situar esta obra se faz necessário lembrar que Gustavo Varela é o diretor acadêmico de um curso de pós-graduação chamado *Tango: Genealogía Política y Historia*. Outro ponto importante é salientar dois livros do autor, o primeiro é o *Mal de Tango: Historia y genealogía moral de la música ciudadana* e o segundo, *La filosofía y su doble: Nietzsche y la música*. Cito estes dois, pois o trabalho que Varela faz com relação ao tango a cada momento ganha mais contornos. O livro sobre Nietzsche e a música também merece ser mencionado, porque Friedrich Nietzsche e Michel Foucault influenciam na leitura que Varela faz da história do próprio tango, e neste momento temos todo o charme do autor que se junta a uma escrita leve e profunda.

Varela mesmo sendo um acadêmico produz um texto agradável de ser lido, pois a linguagem não se perde no castelo barroco do academicismo, ela é poética, contém uma beleza e um erotismo que é próprio do tango. A linguagem vai do apolíneo acadêmico à sensual palavra dionisíaca, assim não se perde nem o rigor nem a beleza caótica de se adjetivar o tango em suas diversas mudanças na história. A leitura torna-se filosófica quando encontramos a influência de Nietzsche e de Foucault, na forma com que é lida a história do tango, que passa a ser também uma história política com suas discontinuidades, contudo ela não se mantém somente filosófica, a obra transborda para a arte de suas ilustrações.

A obra de Varela é constituída de um prólogo de Javier Barreiro, sobre o tango e suas partituras, e outros oito capítulos, que podem ser lidos sem uma sequência. Nos dois primeiros

capítulos se tem uma ideia bem clara com relação à história do tango – uma camada de leitura do livro. O prólogo (el tango en sus partituras) de Javier Barreiro aponta a origem prostibular da dança em Buenos Aires até a morte de Gardel. A história do tango feita por Javier Barreiro é com relação à história das partituras. Varela, por sua vez, no segundo capítulo, chamado *El Tango* nos dá uma chave filosófica para a leitura da história do tango. A divisão do autor se dá em três partes, uma *erótica* (um baile sensual), uma *ética* (um forte sentido moral) e uma *estética* (o tango se torna abstrato).

O tango em sua primeira fase, a que Varela chama de *erótica*, data de 1880 até o tango canção de 1916. As características principais são o seu caráter erótico e sensual. Período que está em consonância com a questão social, a respeito da prostituição, na Argentina. Trata-se de um tempo também dionisíaco, no qual os passos do tango ainda não estão definidos, não se tem o controle do corpo, a métrica da dança, mas depois o tango se moraliza para sobreviver e perde a sua felicidade. Torna-se aquele tango mais conhecido, uma lírica triste da qual se baila. Então temos o momento *ético* de 1916 ao tango de vanguarda de 1955. A poética agora tem um forte sentido moral. As letras seguem a valoração, dos momentos políticos, sociais, a integração dos imigrantes, a emancipação jurídica e social da mulher. O último ponto da análise, na terceira fase é chamado de *estética*. Esta por sua vez é a mais atraente. Alguns a chamam de *a Morte do Tango* ou de um momento *Apolíneo*. Todas as duas questões têm seus pontos de verdade. O primeiro é porque com Piazzolla o tango se transforma tanto que existe uma dúvida se ainda é mesmo tango, ou outro tipo de música. O tango deixa de ser popular e fica abstrato, complexo, agora diz respeito à outra sensibilidade. Ele se mescla com o jazz, o rock, com Bela Bartok e com Vinícius de Moraes. O que se torna inteligível para tantos é visto como morte. Esta morte é de fato ressurreição, o que estava definindo era o momento ético do tango – para o autor de *Una Pasión Ilustrada* é a história que se faz presente em Piazzolla, como se nele estivesse toda a crise e dele emergisse a vanguarda. Piazzolla se transforma em *destino* no sentido heideggeriano. Contudo, este mesmo Piazzolla que é abstrato também ganhará os aplausos populares com músicas como *Balada para um Loco*.

Um tango sensual, uma desculpa para abraçar, um amor cortês e solar, o caminhar junto, a mão que segura com força e solta com suavidade. Uma época moral em que os passos são

ensinados, tudo parece se transformar em métrica, a dança ganha mais estilo e agora é ela que conforma o corpo, ao contrário de seu início, prostibular, alegre. A arte que se transforma em abstração, vanguarda, não mais se baila, mas é também música instrumental, se escuta no silêncio, no devaneio da solidão. O tango também volta em sua forma eletrônica, *samplers*, montagem e colagem, o tango transforma-se em *tango queer*, e questiona o gênero. Estes últimos aspectos não são tratados pelo autor, mas com o livro já temos uma boa possibilidade de leitura da história do tango, na obra de Varela. O autor nos dá uma leitura histórica, filosófica e político-social do tango, junto a belas imagens, a belas partituras.

A cada artigo do livro temos diversas ilustrações que perpassam a interpretação dos momentos do tango. Artigos que isoladamente tem a sua coesão, assim gerando algo bom, a *repetição* e o *acrécimo* –variações sobre o mesmo compasso. Algumas vezes um mesmo tema é abordado em uma perspectiva diferente, ou mesmo somente aparecem acréscimos importantes, o que torna cada artigo singular e ao mesmo tempo conectado uns com os outros. Desta forma, com a linguagem musicada, o tango não é somente uma desculpa para abraçar, mas também para um pensar profundo. E é este pensamento profundo que é o grande mérito de Gustavo Varela.